

HOJE DE NOVO A FRELIMO CHAMA O POVO PARA DEFENDER A PÁTRIA ATACADA

— Presidente da República em comunicação ao País sobre as agressões a Moçambique das tropas racistas da Rodésia

N. 4/3
76

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, na presença dos membros do Conselho de Ministros, e Quadros Superiores do Partido, do Estado e das Forças Populares de Libertação de Moçambique, fez ontem a Comunicação à Nação que passamos a transcrever na íntegra:

Camaradas membros do Comité Central; Membros do Comité Executivo; Camaradas Membros do Conselho de Ministros; Camaradas Responsáveis do Partido, Estado e das FPLM; Excelências, Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios acreditados na República Popular de Moçambique; Senhores membros da Imprensa nacional e estrangeira; Compatriotas:

Em nome do Comité Central da FRELIMO e do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique venho informar-vos que moçambicanos, moçambicanas, homens, mulheres, velhos, crianças estão a ser mortos. O nosso território está a ser atacado, o nosso Povo está a ser massacrado, a República Popular de Moçambique está a ser agredida.

O regime criminoso e irresponsável de Ian Smith desencadeou uma guerra de agressão contra a República Popular de Moçambique. Menos de dezoito meses depois de ter assinado o acordo de Paz com Portugal, de novo o Povo moçambicano é forçado a fazer face às agressões desesperadas dum colonial-fascista.

Depois de uma longa série de provocações armadas contra a República Popular de Moçambique, na noite de 23 para 24 de Fevereiro, as forças do regime racista de Ian Smith desencadearam um ataque em larga escala contra o território nacional, concentrado contra as povoações de Pafúri e Mavuê. O ataque iniciou-se às 21 horas do dia 23 e prolongou-se pelo dia 24. No dia 24 tiveram lugar bombardeamentos aéreos. Participaram no ataque aviões a jacto, bombardeiros, helicópteros, tropas de artilharia e infantaria.

Em consequência do ataque criminoso das forças racistas contra a zona de Pafúri foram mortos:

1. Albertina Maguguzo Cossa, 36 anos de idade;
2. Lucas Valentim Judício, 36 anos de idade;
3. Picané Milane, 29 anos de idade;
4. Laurentina Valentim, 18 meses.

Foram feridos:

1. Ester Judício, 60 anos de idade;
2. Muhlave Mulave, 48 anos de idade;
3. Feniasso Vilanculos, 22 anos de idade;
4. Phefu Mulave, 21 anos de idade;
5. Berta Nhampule, 19 anos de idade.

Desaparecido:

1. Sabão Munhangane, 65 anos de idade

No ataque contra Mavuê três mulheres e uma criança foram assassinadas e um homem e uma criança de onze anos feridos. Os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique, com o apoio das forças paramilitares da Alfândega e Migração, repeliaram o invasor, punindo-o severamente, tendo abatido dois aviões a jacto e um helicóptero. Dez combatentes sofreram ferimentos diversos, estando dois deles gravemente feridos. Dois outros camaradas sacrificaram as suas vidas na defesa do Povo e da nossa soberania.

Este acto constitui uma agressão aberta, um acto de guerra. Ele é um verdadeiro crime contra a Paz e um crime de guerra tal como foi definido pelo Tribunal Internacional de Nuremberga.

Por que nos ataca Ian Smith? Por que nos faz guerra o regime racista de Salisbúria? O que o leva a assassinar mulheres e crianças, a queimar casas, a massacrar pacíficos camponeses?

Para responder correctamente a esta pergunta teremos que dizer que Ian Smith faz isso, porque foi isso o que sempre fez contra Moçambique. Em 1965, quando proclamou a sua pseudo-independência, Ian Smith engajou-se na guerra colonialista portuguesa de agressão contra o nosso Povo. Assim, as suas tropas foram enviadas na época para a Província de Niassa.

Desde então, o regime de Salisbúria habituou-se a cometer crimes contra o nosso Povo, tornou-se um viciado da agressão contra Moçambique. Até ao fim da guerra colonial-imperialista, as forças de Ian Smith participaram em gravíssimos crimes contra o nosso Povo, em Niassa, em Tete, em Manica. Nos tristemente célebres massacres de

se seguiu à independência, até atingirem a presente fase de guerra de agressão.

Sem pretendermos fazer uma lista exaustiva das acções inimigas nos últimos seis meses, podemos salientar:

1. Na Província de Tete:

Na segunda quinzena de Agosto de 1975 é detido na zona da Albufeira de Cabora Bassa, um grupo rodésiano que pretendia introduzir ilegalmente na República uma soma equivalente a 35 mil contos em dinheiro rodésiano, destinados à compra de moeda nacional no mercado negro.

Em 27 de Agosto tropas racistas penetram na localidade de Gendo na zona de Luíla e rap-

A partir de 17 de Fevereiro, a força aérea começou a violar sistematicamente o espaço moçambicano nas zonas de Mucumbura, Luíla, Chioco e Changara.

2. Província de Manica:

Em 5 de Agosto de 1975, em Vista Alegre, quando a população capinava, as tropas inimigas abriram fogo. Uma patrulha nossa ocorreu em socorro e neutralizou o fogo inimigo. No dia seguinte as forças racistas, apoiadas por um helicóptero, penetraram às 9 horas cerca de um quilómetro em território nacional. O helicóptero abriu fogo, atingindo mortalmente um combatente. O inimigo foi repellido às 13,30 horas.

Em 11 de Agosto na mesma zona, um grupo de infantaria inimiga penetrou no território nacional, dirigiu-se para norte de Vista Alegre. As nossas forças intervieram, obrigando o inimigo a retirar-se.

No dia 13 de Agosto, um helicóptero violou o espaço aéreo em Vista Alegre. No mesmo momento em Timba, uma força inimiga de infantaria, tendo penetrado em território nacional para cometer crimes, foi punida por uma patrulha nossa, abandonando quatro cadáveres.

Em 28 de Agosto na mesma zona, o inimigo abriu fogo ferindo um combatente.

Em 31 de Agosto o inimigo penetrou em Timba perto do rio Nhangalula e saqueou uma loja, depois de ferir uma criança no braço e outra nos nádegas, tendo ainda assassinado um camponês de nome Penzura Apalekwamanja. A soldadesca racista manteve-se no território nacional das 9 às 14 horas, abrindo fogo diversas vezes.

Em 14 de Setembro em Rotanda, o inimigo abriu fogo com morteiro de 120 mm. As nossas forças ripostaram tendo obrigado o inimigo a silenciar-se. O inimigo sofreu quatro baixas.

Em 16 de Dezembro em Inhacacaze as forças racistas assassinaram dois civis.

Em 9 de Janeiro de 1976 um avião inimigo viola o espaço aéreo em Espungabera às 10,30 horas. Na véspera aviões inimigos bombardearam uma zona vizinha.

Em 28 de Janeiro uma companhia reforçada, com o apoio de 4 helicópteros e 3 aviões penetrou 1,5 quilómetros na zona de Penhalonga.

Em 8 de Fevereiro às 4 horas o inimigo penetrou com dez helicópteros na região de Espungabera, tendo bombardeado a zona de Mude.

3. Província de Gaza:

Em 11 de Novembro de 1975, 4 aviões violam durante quinze minutos o espaço aéreo em Choa, tendo sido expulsos pelo fogo das baterias anti-aéreas.

Em 4 de Fevereiro de 1976 cerca das 24 horas polícias racistas tentam penetrar na zona de Malvéria. São repellidos pelos nossos combatentes.

Em 6, 7, 13, 14 e 15 de Fevereiro as nossas forças são obrigadas a abrirem fogo contra aviões inimigos que violam o nosso espaço aéreo.

Em 14 de Fevereiro cerca das 24 horas, o inimigo penetrou na zona de Pafúri com forças de infantaria, artilharia e começou a maltratar as populações. Capturou um camponês, tendo ferido ainda duas outras pessoas, um homem e uma mulher.

As FPLM apoiadas pela Polícia Aduaneira intervieram às 4,20 horas. Dois aviões a jacto e três helicópteros vieram então socorrer o inimigo.

No curso do combate foi abatido um bombardeiro por volta das 13 horas, tendo-se despechado cerca de 10 km já, no interior do território inimigo.



Mucumbura, participou activamente a soldadesca de Ian Smith. Em Agosto-Setembro de 1973, as tropas de Salisbúria participaram activamente na grande ofensiva tripartida desencadeada contra o distrito de Zumbo. Em Março-Abril de 1974 foram numerosos os aviões rodésianos abatidos a norte do Zambeze, quando bombardeavam as populações das zonas libertadas e os seus haveres.

Se as provocações e as agressões armadas do regime de Salisbúria diminuíram no período de Transição em favor da subversão, do recrutamento e treino de bandos armados de mercenários e assassinos, elas foram rápida e progressivamente intensificadas no período que

tam um elemento da população. Dias depois, no dia 30, no mesmo local, assassinam um camponês e ferem dois outros.

Em 1 de Setembro, tropas racistas organizam no nosso território uma emboscada à força que patrulhava a zona de Luíla a Mucumbura e ferem três camaradas.

No dia 20 de Janeiro de 1976, ainda na zona de Luíla, o inimigo, tendo minado os caminhos, uma patrulha faz deflagrar uma mina antipessoal, tendo um dos nossos combatentes perdido uma perna. Pouco depois duas viaturas com tropas inimigas penetraram em território nacional, apoiadas por dois helicópteros e dois aviões de reconhecimento.

Camaradas, Excelências, Compatriotas:

Este pequeno enunciado não exaustivo das provocações e agressões armadas de Ian Smith, ao longo das fronteiras entre a República Popular de Moçambique e a colónia britânica da Rodésia do Sul, demonstra a persistência do regime racista em querer desencadear uma guerra de agressão contra o nosso Povo e o nosso Estado.

O regime opressor que faz face à insurreição armada do Povo de Zimbabwe, que se encontra isolado internacionalmente, procura resolver as suas contradições internas alastrando o conflito.

A República de Botswana e a República da Zâmbia, têm sido como nós vítimas de inumeráveis acções criminosas por parte do regime de Salisbúria.

Ian Smith pretende negar a justeza da luta de libertação do Povo de Zimbabwe, tentando fazer crer que se há guerra no Zimbabwe é porque forças estrangeiras o querem.

Agindo assim, Ian Smith está apenas a imitar os colonialistas portugueses e outros agressores, que sempre negaram a existência das lutas de libertação.

Ian Smith tenta apagar a fogueira que acendeu com a sua opressão, cometendo crimes, tentando envolver outros países no conflito que desencadeou já na sua terra. Como um louco, ele procura apagar o fogo, derramando gasolina.

Ian Smith quer transferir para o nosso país as contradições e a luta que existem no seu território.

Ian Smith, nos seus ataques criminosos do dia 24, deliberadamente violou o espaço aéreo da África do Sul para nos atacar a partir da África do Sul, a fim de desviar a nossa atenção do alvo, para provocar um conflito maior, um conflito à escala do Subcontinente. No seu desespero de agressor condenado à derrota, Ian Smith procura por todos os meios provocar uma guerra generalizada a toda a África Austral, com a esperança criminoso de travar a sua queda aumentando o número de destruições e de cadáveres.

Fracassará, como sempre fracassaram todos os que se erguem contra os Povos, todos os que ousam atacar o Povo. Ian Smith será varrido da História, como o foram antes dele outros colonialistas.

A guerra é em Zimbabwe. A guerra resulta da exploração e opressão do regime de Ian Smith contra o Povo de Zimbabwe. A guerra terminará com a vitória inevitável do Povo de Zimbabwe.

Camaradas, Compatriotas:

Libertámos a Pátria do colonialismo. Hoje devemos defender a nossa Pátria atacada, devemos apoiar o combate justo do Povo irmão de Zimbabwe.

Para levarmos a cabo a nossa tarefa, necessitamos da força invencível da nossa unidade, da nossa organização. A nossa liberdade é defendida pela imensa energia criadora do Povo organizado e dirigido pela FRELIMO.

Vamos aplicar a nossa energia criadora, para defender a nossa independência e apoiar os nossos irmãos de Zimbabwe.

Para isso:

1. Nas povoações, nos bairros, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nas murchambas, nos poços, nos rios, em toda a parte devemos construir abrigos anti-aéreos. Com estes abrigos protegemo-nos dos ataques do inimigo.

Construiremos os abrigos depois das horas de trabalho normal.

Intensifiquemos a criação dos bairros comunitários que nos permitirão a melhor organização de defesa.

As FPLM devem elevar o seu nível político (CONTINUA NA ÚLTIMA PÁGINA)